
O atravessamento do jornalismo por uma subjetividade política emergente na contemporaneidade: estudo exploratório a partir de palavras-chave¹

Nara Lya Cabral SCABIN²

Universidade de São Paulo e Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta dados obtidos em levantamentos estatísticos preliminares conduzidos junto a acervos jornalísticos no âmbito de pesquisa de doutorado desenvolvida no PPGCOM da ECA-USP, a qual propõe uma análise discursiva da cobertura de jornais brasileiros sobre a emergência dos debates em torno de políticas identitárias no país, entre 1978 e 2018. O foco do trabalho é compreender como os jornais compreendem, representam e traduzem os discursos políticos que refletem uma ruptura epistemológica fundamental da pós-modernidade: a emergência de uma nova subjetividade política, em que o fator identitário constitui elemento decisivo de mobilização.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; políticas de identidade; subjetividade; jornalismo; comunicação.

Introdução

Este artigo apresenta dados obtidos em levantamentos estatísticos preliminares conduzidos junto a acervos jornalísticos no âmbito de pesquisa de doutorado desenvolvida no PPGCOM da ECA-USP. A referida pesquisa, de que faz parte o rastreamento de caráter exploratório aqui apresentado, busca traçar uma genealogia dos discursos que engendram um “novo imaginário político” (FRASER, 2006) na contemporaneidade, entendido a partir da emergência de disputas identitárias, sobretudo em seus desdobramentos em embates em torno de padrões representacionais, com destaque àqueles ligados a controvérsias em torno do papel da linguagem e das palavras.

Elegemos como foco de atenção as disputas identitárias que emergem nas representações construídas do debate público por jornais brasileiros de referência, isto é, de circulação nacional e expressiva tiragem. Assim, partimos da investigação junto aos acervos dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, considerando o

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP com bolsa CAPES e Mestra em Ciências da Comunicação pela mesma instituição. Docente dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Integrante do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM), da USP. E-mail: nara.cabral@usp.br.

período de 1978 a 2018. Esperamos, desse modo, compreender a circulação de sentidos entre diferentes instâncias midiáticas e localizar, em relação às disputas discursivas em foco, o papel desempenhado pela esfera midiática do jornalismo.

Com as transformações sociais ocorridas nas décadas de 1980 e 1990 no Brasil, principalmente com a implementação da política neoliberal, surge e ganha destaque na cena pública a forma de mobilização em organizações não-governamentais. É possível observar relações significativas entre muitas das ações dessas novas formas de mobilização social e posicionamentos alinhados aos ideais do multiculturalismo (HALL, 1994). Destacam-se a organização de grupos organizados de mulheres, grupos ligados à defesa de direitos dos homossexuais e movimentos negros, que se voltam à construção de identidade, engajando-se na luta contra a discriminação (GOHN, 2013).

Nesse contexto complexo de reestruturação das relações de produção, marcado pela emergência do capitalismo financeiro, é que disputas identitárias – como as ligadas ao debate em torno do *empoderamento* de minorias sociais e às polêmicas em torno do chamado “politicamente correto” – adquirem visibilidade no Brasil. As discussões sobre tais temáticas ilustram um quadro mais amplo de rearticulações nos modos de fazer político tradicionais. Como aponta Hall (1994), a emergência das chamadas “políticas de identidade” são um fator decisivo nesse cenário, que devem ser entendidas à luz da “centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social” (HALL, 1997, p. 23).

Construídas – mas nunca fixadas – culturalmente, as identidades constituem-se no interior das fronteiras que marcam as diferenças – lugares, como aponta Hall (1997), de potenciais contestações dos sentidos, isto é, de *políticas de identidade*. Quando os padrões de representações não são vividos, por diversos grupos sociais, como capazes de *representá-los*, podem emergir reivindicações de definições alternativas que proponham novos conjuntos de representações. Isso pode levar à contestação da autoridade cultural das representações já apresentadas e ao surgimento de um foco diferente de identificação – ou seja, uma nova “política de identidade” (HALL, 1997).

Ao lado da emergência das políticas de identidade, Hall (1994) aponta a virada linguística no século XX como elemento fundamental à compreensão dos deslocamentos epistemológicos que possibilitam a emergência de disputas em torno de padrões linguísticos/discursivos, as quais se constituem como formas de contestação das representações sociais/culturais vigentes. Há uma perspectiva “nominalista”, segundo o

autor, de modo que ganha força a crença de que alterações no plano linguístico – especialmente, lexical – seriam suficientes para alterar a realidade material/social.

Esses dados participam do que Nancy Fraser (2006) denomina um “novo imaginário político”, em que a luta por reconhecimento torna-se a forma paradigmática de conflito político. Essas demandas em nome do “reconhecimento da diferença” alimentam as lutas de grupos articulados em torno de eixos identitários, tais como etnia, gênero e sexualidade. Nestes conflitos “pós-socialistas”, segundo Fraser, “a dominação cultural suplanta a exploração como a injustiça fundamental. E o reconhecimento cultural toma o lugar da redistribuição socioeconômica como remédio para a injustiça e objetivo da luta política” (FRASER, 2006, p. 231).

Diante desse complexo contexto de rearticulações deslizamentos político-discursivos, propomos mapear, ao longo da pesquisa de que trata este artigo, não apenas os *discursos circulantes* (CHARAUDEAU, 2010) em sua apreensão e tradução pelo discurso midiático, como também, elegendo o *espaço interdiscursivo* como foco de análise (MAINGUENEAU, 2008), buscamos compreender o papel desempenhado pelos discursos jornalísticos nos embates identitários contemporâneos.

Um olhar panorâmico

O levantamento aqui apresentado constitui uma etapa preliminar à análise discursiva, descrita algumas linhas acima, que propomos conduzir como eixo principal da pesquisa de doutorado que dá origem ao presente trabalho; não obstante seu caráter preliminar, não se trata de um rastreamento de menor importância, pois, como veremos a partir da apresentação dos achados a que chegamos, ele possibilita localizar, historicamente, a gênese da presença de termos e expressões atrelados às políticas de identidade no vocabulário dos jornais em foco.

O que apresentamos, neste artigo, é um olhar panorâmico sobre a presença temática das categorias identitárias *gênero* e *orientação sexual* nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, em todo o período coberto pelos acervos digitalizados das publicações. Como critério à seleção dos eixos identitários que constituem foco prioritário de atenção neste levantamento, embasamo-nos no trabalho de Gohn (2013), que destaca, no contexto de reformulação dos modos de participação política próprios da contemporaneidade, as categorias escolhidas como correspondentes a dois dos principais eixos de movimentos identitários da contemporaneidade. São

também esses dois eixos que constituirão foco de nossa atenção na pesquisa a que se refere o presente artigo.

Neste rastreamento panorâmico inicial, cabe observar que as buscas foram conduzidas a partir de palavra-chave. Essa escolha baseia-se na premissa teórica de Maingueneau (2008) a propósito da *semântica global* dos discursos: ao escolher termos que se referem aos eixos identitários que constituem nosso foco de atenção nesta pesquisa, esperamos observar incidências temáticas e indícios da presença de discursos relevantes – ainda que não se trate de analisar os discursos em si. Segundo esse autor, embora as palavras, em *Análise do Discurso*, não deva ser consideradas isoladamente, elas podem ser significativas, para essa metodologia de análise, como pontos de cristalização semântica de um discurso.

As palavras-chave que nos conduzem nestas buscas iniciais não são consideradas de modo sistemático, de modo que seria arriscado entendê-las como “específicas” de determinados discursos. Não obstante, elas oferecem pistas à identificação de pontos de cristalização semântica de discursos, como nos diz Maingueneau (2008), se consideradas em sua redundância e no cruzamento entre si.

A busca por meio de palavras-chave, portanto, revelou-se um momento fundamental ao levantamento de hipóteses que serão decisivas, nas etapas futuras de pesquisa, à condução da análise discursiva. Isso porque, a partir delas, pode-se identificar recorrências temáticas que, estas sim, pela repetição, remetem aos efeitos dos recortes de mundo e da concessão de visibilidades que devem ser considerados como indicativos da positividade de uma dada formação discursiva.

Para isso, selecionamos um conjunto básico de palavras-chave que remetem aos princípios segundo o qual se organizam os eixos identitários que constituem nosso foco de atenção, conforme veremos a seguir.

a) Incidência temática da categoria “gênero”

Dada a polissemia do termo “gênero”, optamos por substituí-lo, inicialmente, pela palavra-chave *mulher*. O gráfico a seguir mostra a presença da palavra nos três veículos considerados, dos anos 1870 à década de 2010.

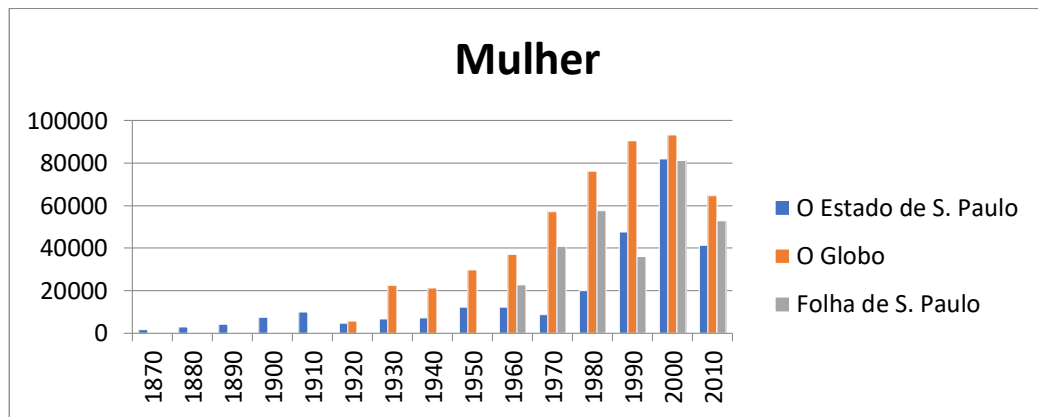


Gráfico 1. Presença da palavra-chave *mulher* nos jornais. Fonte: a autora.

No caso de *O Estado de S. Paulo*, o acervo digitalizado disponível online³ abarca todas as edições da publicação desde sua fundação, em 1875. Por essa razão, incluímos, neste levantamento preliminar, todas as ocorrências da palavra *mulher* dos anos 1870 aos anos 2010, compilando os dados a cada década. Mais do que observar os números absolutos de ocorrências e compará-los entre os jornais – o que seria não apenas pouco relevante para as finalidades deste levantamento, mas também equivocado, já que diferentes jornais possuem diferentes tamanhos e estruturas, o que pode impactar a totalidade de menções às palavras-chave em foco –, interessa-nos destacar a curva de crescimento, ao longo dos anos, da presença de cada categoria investigada. No caso de *mulher*, como o gráfico acima evidencia, é possível verificar um aumento significativo no número de menções a partir dos anos 1980.

Tendência similar pode ser observada em *O Globo*. Fundado em 1925, o acervo do digitalizado do jornal disponibiliza, online⁴, todas as suas edições desde o primeiro número. Como o gráfico acima evidencia, em *O Globo*, embora a curva de crescimento da presença da categoria *mulher* seja menos acentuada na passagem para os anos 1980 e 1980, verifica-se um aumento gradual na concentração de menções ao longo de todo o período considerado.

No caso da *Folha de S. Paulo*, seu acervo digitalizado disponibiliza online⁵ todas as edições desde 1960, ano em que o jornal nasce, com esse nome, da fusão da *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*. A partir das buscas com a palavra-

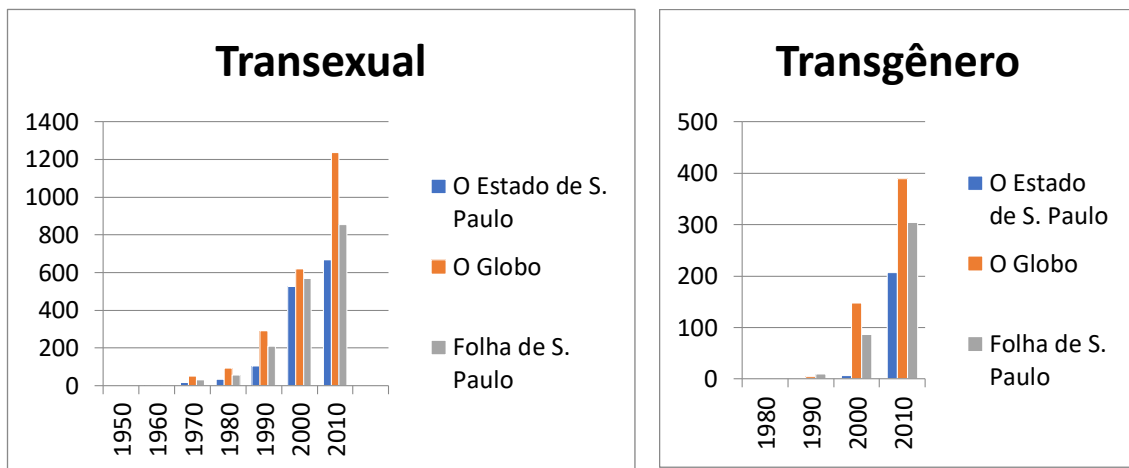
³ Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/>.

⁴ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>.

⁵ Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>.

chave *mulher*, a categoria se mostra mais bem distribuída ao longo de todo o período considerado, com maior presença na década de 1980 e pico de crescimento nos anos 2000, como o gráfico acima evidencia.

Complementarmente, ao lado de *mulher*, é possível adotar ainda outras palavras-chave que indicam diferentes categorias identitárias que emergem nas discussões sobre gênero na contemporaneidade. Obviamente, não se trata aqui de esgotar todas as possibilidades semânticas de investigação, mas sim, de constituir um levantamento exploratório capaz de evidenciar algumas recorrências temáticas que emergem no espaço público construído pelo jornalismo. Nesse sentido, elegemos mais duas palavras-chave pertinentes à categoria *gênero*: *transexual* e *transgênero*.



Gráficos 2 e 3. Presença das palavras-chave *transexual* e *transgênero* nos jornais. Fonte: a autora

Com os gráficos acima evidenciam, nos três jornais observados, uma mesma tendência se manifesta: a expressão *transexual* começa a aparecer nos anos 1960, no *Estado de S. Paulo*, e nos anos 1970, em *O Globo* e na *Folha de S. Paulo*, com crescimento significativo no número de menções a cada década e pico de concentração nos anos 2010. Já a expressão *transgênero* mostra-se mais recente no vocabulário dos jornais: na *Folha*, suas primeiras ocorrências datam dos anos 1990, enquanto, nos demais jornais, remetem aos anos 2000. Além disso, nas três publicações, a presença da palavra-chave *transgênero* apresenta uma significativa tendência de crescimento, com elevado número de menções na década de 2010, ainda que sua concentração total mantenha-se inferior à de *transexual*.

Esses dados evidenciam que, ao mesmo tempo em que os jornais (especialmente *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*) concedem visibilidade crescente, ao longo das

décadas, à categoria *mulher*, as três publicações incorporam cada vez mais, nos anos mais recentes, expressões que remetem a disputas identitárias que reivindicam políticas da identidade que visam a desestabilizar as representações binárias de gênero e sexualidade. Isso significa que, ao mesmo tempo em que as reivindicações sociais em prol do protagonismo feminino e de representações mais dignificantes das mulheres nos discursos circulantes possam estar relacionadas à visibilidade crescente que a categoria *mulher* adquire nos jornais, os embates identitários contemporâneos em torno de fatores de gênero certamente estão ligados à incorporação das palavras *transsexual* e *transgênero* no vocabulário dos três veículos considerados.

Ainda em relação a *gênero*, uma última palavra-chave pode ser adotada em nossos levantamentos. Com a expressão *machismo*, torna-se possível verificar não apenas a presença de categorias identitárias relacionadas às discussões contemporâneas sobre gênero, mas também a recorrência, nos jornais, de um termo cujo emprego remete às formas de violência – física e simbólica – impostas às mulheres. Ainda que não se possa afirmar que todas as ocorrências da palavra *machismo* evidenciam um propósito crítico por parte dos textos, deve-se considerar que seu emprego revela a constituição de um diálogo com discursos circulantes que afirmam a presença de tais formas de violência na sociedade.

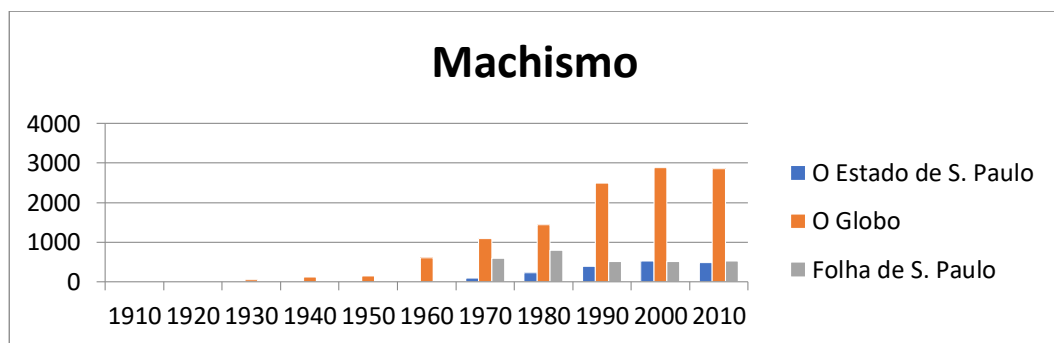


Gráfico 4. Presença da palavra-chave *machismo* nos jornais. Fonte: a autora

Como o gráfico acima evidencia, embora a presença total de menções a *machismo* seja mais elevada em *O Globo*, em todos os jornais, com exceção da *Folha de S. Paulo*, verifica-se uma tendência de crescimento no número de menções à expressão ao longo das décadas. Cabe ainda assinalar que as ocorrências mais antigas que pudemos encontrar de *machismo* remetem aos anos 1960, em *O Globo*.

Com relação à categoria *gênero*, algumas considerações podem ser feitas a partir da observação da totalidade dos gráficos apresentados. Em primeiro lugar, cabe observar que apenas a palavra-chave *mulher*, considerada isoladamente, não seria um dado significativo para a investigação da presença de traços discursivos, nos jornais, que fossem reveladores da possível influência exercida por discursos engajados em políticas de identidade sobre a esfera midiática. Isso porque, embora a curva de crescimento da concentração do termo *mulher* ao longo das décadas pareça indicar uma ampliação da visibilidade concedida às mulheres nas páginas dos jornais, não poderíamos afirmar ao certo a natureza dessa visibilidade, assim como seria plausível conjecturar se não se trata apenas de um efeito da conquista de espaços pelas mulheres, em diversas atividades sociais, na contemporaneidade – ainda que não possamos esquecer que todo “reflexo” do mundo construído pela linguagem e, em particular, neste caso, pelo discurso midiático, é sempre o reflexo produzido por um espelho deformante.

Não obstante, se considerados ao lado dos dados obtidos com as demais palavras-chave que consideramos, os resultados obtidos para a categoria *mulher* tornam-se mais reveladores. Isso porque tanto as palavras-chave *transsexual* e *transgênero* quanto a palavra-chave *machismo* emergem como marcas de discursos engajados no questionamento, mais ou menos contundente, de padrões representacionais ligados a regimes identitários específicos. Enquanto *transgênero* e *transsexual* buscam afirmar e conferir visibilidade à existência de lugares identitários que escapam à lógica binária hegemônica dos gêneros/sexos, a palavra *machismo* – mais antiga no vocabulário dos jornais – vincula-se à constatação, em geral problematizadora, de padrões socioeconômicos e práticas culturais que produzem uma identidade feminina subjugada e inferiorizada em relação à masculina.

É particularmente relevante observar, nesse sentido, que, nos três jornais, as curvas de crescimento e os picos de concentração das palavras-chave *transsexual*, *transgênero* e *machismo* são semelhantes. Se retomamos os gráficos que apresentam a presença da categoria *mulher*, observamos, uma vez mais, tendências de crescimento e concentração aproximadas. Isso significa que a maior presença, nos anos recentes, da palavra *mulher* no vocabulário dos três jornais considerados coincide com o aumento das menções à palavra-chave *machismo* e com o rápido e exponencial crescimento do uso das palavras *transsexual* e *transgênero*.

Não seria equivocado afirmar, portanto, que embora a presença da palavra-chave *mulher* nos três jornais venha de longa data e tenha sempre se apresentado em números expressivos, sua maior concentração nos anos recentes acompanha a emergência de termos e expressões que remetem a discursos que emergem no contexto das disputas identitárias contemporâneas. Dessa forma, ainda que a condução de uma análise qualitativa fuja aos objetivos deste levantamento preliminar, fica em aberto a hipótese de que, nos jornais considerados, as representações articuladas, nas últimas décadas, sob o significante *mulher* – bem como a ampliação da visibilidade a ele concedida – possam traduzir, ao menos parcialmente, aspectos das políticas de identidade reivindicadas na contemporaneidade.

b) Incidência temática: *orientação sexual*

A segunda categoria a ser analisada neste levantamento preliminar diz respeito à *orientação sexual*. O primeiro momento das buscas concentrou-se exatamente nessa expressão, *orientação sexual*, como palavra-chave.

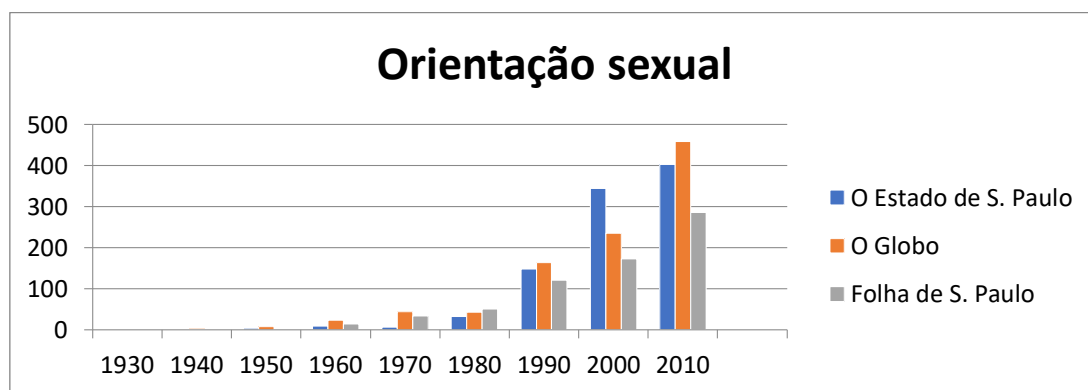


Gráfico 5. Presença da palavra-chave *orientação sexual* nos jornais. Fonte: a autora

Como os gráficos evidenciam, as primeiras ocorrências da expressão *orientação sexual* datam dos anos 1950 e 1960 e tornam-se cada vez mais numerosas ao longo das décadas, apresentando crescimento particularmente significativo nos anos 1990 e 2000 (*O Estado de S. Paulo*) e 2010 (*O Globo*).

Em relação a *O Estado de S. Paulo*, o primeiro dado relevante a ser destacado diz respeito ao fato de que as primeiras ocorrências de *orientação sexual*, nos anos 1950 a 1960, consistem exclusivamente em usos da expressão com o sentido de “educação sexual”. Em 1972, localizamos a primeira ocorrência da expressão *orientação sexual*

com o sentido de uma identidade sexual que fuja ao padrão da heterossexualidade. O uso aparece em uma matéria científica de 30 de dezembro daquele ano intitulada *A ciência de hoje nos aproxima do mundo de Orwell*, de Judith Randal, que faz referência a um experimento científico em que eletrodos foram implantados no cérebro de um indivíduo homossexual com a finalidade de tentar alterar sua orientação sexual.

Durante a década de 1980, nota-se mais uma vez a prevalência da abordagem educacional do termo. Nos anos 1990, por outro lado, torna-se cada vez mais frequente o uso da expressão em sentido identitário e, frequentemente, crítico, em textos que relacionam os temas “identidade sexual” e “discriminação”. Em 10 de fevereiro de 1994, um artigo intitulado *As minorias e a revisão constitucional* e assinado por Fabio Feldmann apresenta uma contundente denúncia da persistência do preconceito motivado por orientação sexual.

Em *O Globo*, em 1º de agosto de 1957, a expressão *orientação sexual* aparece no anúncio de um ciclo de conferências, promovido pelo Departamento da Mocidade da Associação Cristã de Moços, com patrocínio de *O Globo*. Dentre os temas das palestras, que incluem títulos como “A formação de hábitos higiênicos na infância e na juventude” e “O desajustamento na adolescência”, cita-se “A orientação sexual dos filhos”. Como se vê, assim como no caso de *O Estado de S. Paulo*, as primeiras ocorrências da expressão *orientação sexual* em *O Globo*, nos anos 1950 e 1960, referem-se na verdade à educação sexual, em sentido disciplinarizante.

Já na década de 1970, a expressão começa a aparecer no jornal com o sentido identitário com que costuma ser empregada hoje. Em uma notícia de 2 de junho de 1974, anuncia-se a realização de um curso ministrado por um especialista em psiquiatria infantil e promovido por *O Globo*, o qual pretende discutir, entre suas aulas, “o que os pais precisam saber sobre homossexualismo infantil”. Ainda que se trate de uma referência a um padrão identitário que foge à heterossexualidade, prevalece ainda, no texto, uma tomada médica, que evidencia o caráter desviante da homossexualidade.

Em 1º de maio de 1974, *O Globo* publicou uma nota da France Press intitulada *Homossexuais defendidos na Polônia*. O texto aponta que um artigo então publicado no semanário *Zycle Literackie*, de Cracóvia, denunciava a discriminação sofrida por homossexuais naquele país. Segundo a nota, esse tipo de defesa constituía “fato raro na imprensa socialista”. Os pressupostos em jogo nessa ocorrência da expressão *orientação sexual* se confirmam ao longo da década de 1980; nesse período, ocorrências da

expressão em referência a propostas “educativas”, embora continuem existindo, tornam-se cada vez mais raras e cedem lugar a matérias que abordam a questão da orientação sexual sob uma perspectiva de direitos.

É o caso, por exemplo, da nota intitulada *Constituintes gastam 4 horas discutindo frase*, de 3 de setembro de 1989, que aborda as discussões no âmbito da constituinte estadual do Rio de Janeiro. Na pequena notícia, menciona-se que os constituintes iriam, em sessão extraordinária próxima, discutir o Artigo 1º do Parágrafo 9, segundo o qual “ninguém será discriminado em razão de nascimento, etnia, raça, cor, sexo, estado civil, trabalho, religião, orientação sexual, convicções políticas ou deficiência física”.

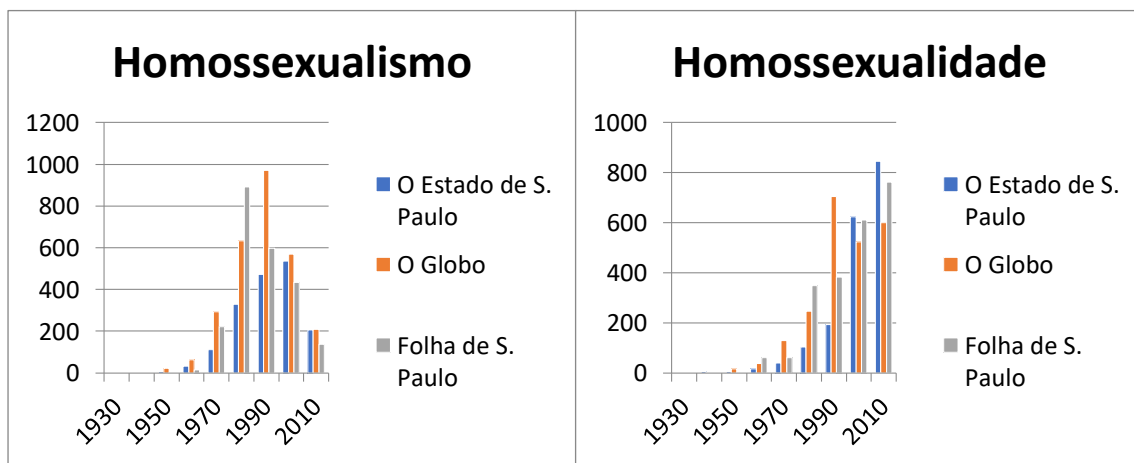
Trajetória similar àquela verificada nas transformações dos usos da expressão *orientação sexual* em *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* pode ser encontrada na *Folha de S. Paulo*. Nesse jornal, todas as ocorrências da expressão localizadas nos anos 1960 apresentam o sentido de “educação sexual”, grande parte em referência a cursos que abordam essa temática. São frequentes também as vezes em que “orientação sexual” aparece ao lado de expressões como “orientação alimentar” ou em anúncios de cursos de “higiene e orientação sexual”. Na década de 1970, a perspectiva educativa sob a qual a expressão *orientação sexual* é empregada permanece. Em 1º de março de 1977, porém, já encontramos uma ocorrência da expressão associada à palavra *homossexual*.

Nos anos 1980, especialmente na segunda metade da década, tornam-se recorrentes as ocorrências da expressão *orientação sexual* na *Folha* em referência a identidade sexual, inclusive com viés crítico ou reivindicatório. Surgem notícias que apontam ações encabeçadas por grupos organizados da sociedade civil em prol da defesa da livre orientação sexual. Uma matéria que ilustra bem o tom das discussões na época foi publicada em 27 de janeiro de 1988 e intitula-se *Paulistano está mais tolerante com os homossexuais mas teme a Aids*. Embora aponte a maior tolerância em relação à população homossexual como um “avanço”, a reportagem, ao vincular exclusivamente os homossexuais ao contágio da AIDS, associa esse grupo a uma sexualidade desviante e “perigosa”. O uso da palavra “homossexualismo”, apontado atualmente como preconceituoso por incorporar um sufixo comumente empregado em vocábulos que se referem a “doenças”, é significativo do teor da matéria.

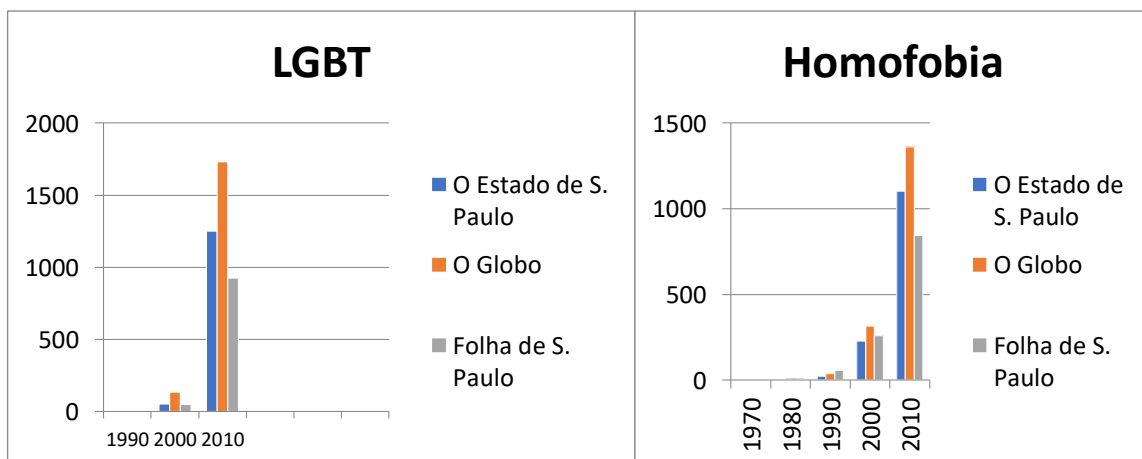
É interessante também notar que alguns posicionamentos hoje considerados inequivocamente preconceituosos – e, portanto, transformados em tabus, em geral

impronunciáveis – apareciam ainda de maneira “natural” na matéria da *Folha* de 1988. Em um box ao lado do texto, apresentam-se os resultados de uma enquete realizada pelo jornal com paulistanos. Entre as perguntas que foram feitas aos entrevistados, encontram-se questões como: “Em sua opinião, nos dias de hoje, existe alguma razão para se temer o homossexualismo?” e “Toda pessoa tem direito a suas preferências sexuais?”. O box apresenta ainda gráficos indicando as respostas apresentadas pelos entrevistados quando indagados sobre como reagiriam em caso de ter um colega de trabalho homossexual ou um filho ou filha homossexual. A partir dos anos 1990, por outro lado, tornam-se paulatinamente mais recorrentes na *Folha*, a exemplo dos demais jornais considerados, as ocorrências da expressão *orientação sexual* em textos que focalizam a identidade sexual a partir de uma ótica de direitos, ação política e mobilização social – tendência que se confirma e acentua nos anos 2000 e 2010.

Após o levantamento das ocorrências da expressão *orientação sexual* nos três jornais, outros critérios de busca podem ser aplicados. Os gráficos a seguir ilustram um conjunto de palavras-chave bastante representativo do eixo identitário em foco.



Gráficos 6 e 7. Presença da palavra-chave *homossexualismo* e *homossexualidade* nos jornais. Fonte: a autora.



Gráficos 8 e 9. Presença da palavra-chave *LGBT* e *homofobia* nos jornais. Fonte: a autora.

Com relação às palavras-chave adotadas, é relevante observar a incidência das palavras *homossexualismo* – hoje considerada preconceituosa e “politicamente incorreta” – e *homossexualidade* – defendida como mais adequada por movimentos sociais – ao longo do período considerado para cada jornal. Além da presença dos dois termos, os gráficos mostram a presença da expressão “LGBT”⁶, mais abrangente no que diz respeito à diversidade sexual. Por fim, considerada como critério para as buscas dentro da categoria *orientação sexual*, uma última a palavra-chave pode ser considerada, como indicam os gráficos acima: *homofobia*.

Com relação às palavras *homossexualismo*, *homossexualidade* e *LGBT*, é possível assinalar que *homossexualismo* é o termo que possui ocorrências mais antigas nos jornais: seus primeiros usos remetem aos anos 1940, em *O Estado de S. Paulo*; aos anos 1950, em *O Globo*; e aos anos 1960, na *Folha de S. Paulo*. Além disso, seu uso segue uma curva ascendente até os anos 2000 (*Estadão*), 1990 (*Globo*) ou 1980 (*Folha*). Nos três jornais, o uso da expressão *homossexualismo* decaiu significativamente na década de 2010. Já a expressão *homossexualidade*, também antiga no vocabulário dos jornais – suas primeiras ocorrências datam dos anos 1940 (*Estadão*), 1950 (*Globo*) e 1960 (*Folha*) –, mantém um número inferior de menções em relação a *homossexualismo* até os anos 1990 nas três publicações (a única exceção é a *Folha* da década de 1960).

A partir dos anos 2000, o número de ocorrências de *homossexualidade* praticamente se equipara (*O Globo*) ou ultrapassa (*O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*) as menções a *homossexualismo*. É nesse contexto em que *homossexualidade* emerge como a forma revista e atualizada de *homossexualismo* – provavelmente, como efeito de demandas e reivindicações que ascendem à esfera pública com vistas à construção de representações que fujam ao padrão de sexualidade “desviante”, ou seja, que escapem ao entendimento de uma sexualidade que inspira “reparação” e “cuidados médicos” – que a categoria *LGBT* entra para o vocabulário dos jornais. Oriunda de discursos provenientes de setores engajados, a expressão torna-se mais recorrente do que *homossexualismo* e *homossexualidade*, nas três publicações, já nos anos 2010.

Já a expressão *homofobia* é razoavelmente recente no vocabulário dos jornais: seus primeiros usos remetem à década de 1980. Ela se torna significativamente mais presente nos três jornais analisados a partir dos anos 1990, sobretudo, com pico de

⁶ Embora existam hoje outras siglas inclusive mais abrangentes em termos de diversidade sexual, optamos por utilizar “LGBT” porque, não sendo viável abarcar, neste breve levantamento preliminar, todas as siglas existentes, selecionamos aquela mais popular nos discursos circulantes do senso comum no Brasil.

concentração nos anos 2010. O caso da palavra *homofobia* é particularmente interessante a este estudo porque, dado seu caráter recente no vocabulário dos jornais e no debate público como um todo, parece-nos plausível relacionar sua emergência e uso às disputas identitárias e demandas por políticas de identidade que marcam a contemporaneidade.

Assim como no caso da expressão *machismo*, o uso da palavra-chave *homofobia*, largamente utilizada em debates travados nas redes sociais digitais na contemporaneidade, pressupõe a circunscrição do campo da discriminação contra integrantes da chamada comunidade LGBTTTQ como um campo específico e, portanto, digno de nota. Além disso, o emprego da expressão – seja como afirmação de uma ocorrência discriminatória ou como refutação do caráter homofóbico atribuído a determinada ocorrência por outrem – pressupõe o reconhecimento do caráter intolerável das diversas formas de discriminação por orientação sexual.

Por esses motivos, a presença do termo *homofobia* nos jornais considerados é relevante para este levantamento: por meio de buscas empregando tal palavra-chave, torna-se possível identificar a visibilidade concedida pelas publicações não apenas à existências de formas de sexualidade para além da heterossexualidade, mas também a discursos que questionam formas de representação consideradas preconceituosas e reivindicam outras formas de representação das minorias sexuais em questão.

Considerações finais

A partir das duas categorias consideradas – *gênero e orientação sexual* – e das palavras-chave adotadas em cada caso, torna-se possível constatar o crescimento, nas últimas décadas, da presença de expressões relacionadas a pautas identitárias nos jornais *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*. Por se tratar de um levantamento meramente preliminar e de caráter quantitativo, não é possível aprofundar, neste momento, o contexto em que as palavras em questão aparecem nos textos.

Não obstante, a elevada incidência numérica nos últimos anos de palavras que circunscrevem campos de sentido ligados a questões identitárias, bem como a entrada recente, para o vocabulário dos jornais, de expressões que emergem no contexto específico de movimentos sociais ligados a minorias sociais e reivindicações atreladas a bandeiras identitárias, colocam em evidência a hipótese de que o discurso jornalístico traduz elementos dos discursos engajados em políticas de identidade.

Ao lado disso, este levantamento preliminar possibilita também reiterar a pertinência do período de observação adotado para a constituição do *corpus* da pesquisa que dá origem a este artigo: como os gráficos evidenciam, os anos 1980 e 1990 constituem momentos de “virada”, marcados pelo crescimento significativo no número de ocorrências em todos os casos de palavras-chave pesquisadas.

Referências

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

FRASER, N. “Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era pós-socialista”. Trad. Julio Assis Simões. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, pp. 231-239, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50109/54229>>. Acesso em: 28 Abr. 2018.

GOHN, M. G. **Movimentos sociais no início do século XXI**: antigos e novos atores sociais. Petrópolis: Vozes, 2013.

HALL, S. “Some ‘politically incorrect’ pathways through PC”. In: DUNANT, Sarah (ed.). **The war of the words**: the political correctness debate. London: Virago, 1994, pp. 164-183. Disponível em: <<http://www.ram-wan.net/restrepo/hall/some%20politically%20incorrect%20pathways.pdf>>. Acesso em 28 Abr. 2018.

_____. “A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo”. Trad. Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. **Educação & Realidade**, 22(2), pp. 15-46, jul./dez.1997. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>>. Acesso em: 28 Abr. 2018.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.